

## CANTO DO HOMEM MARCADO

Sou um homem marcado. . .  
Em país ocupado  
Pelo estrangeiro.  
Sou marinheiro  
Desembarcado;  
Marcho na bruma das madrugadas;  
Mas –

Trago das águas  
A substância  
Da claridade  
DA CLARIDADE!  
Sou o indefinido,  
O inesperado  
Viajante da tarde nua,  
Que uma dor augusta comoveu. . .

Tudo a renuncia,  
Tudo  
O que eu conservo  
De altivo e puro,  
Sob o meu manto adormeceu.

Em outros tempos e antigos  
Plantei alfaces, vendi craveiros,  
Fui hortelão, fui jardineiro;  
E a escura terra. . .  
Terra

Dos meus canteiros,  
Sempre arqueava o dorso  
Ao gesto amigo  
De minha mão.

Hoje provo, na boca, um desgosto,  
Hoje tenho, no sangue, um sinal  
Que não foi e não é das algemas  
Da prisão da Vida,  
Nem do jugo da Terra,  
Nem do pecado original.  
Muito bem sei, senhores,  
Que sou um sonho cravado na morte,  
Que sou um homem ferido no olhar. . .  
E que trago, bem viva, entre as nódoas do mundo,  
A mancha do meu país natal.

Sou um homem manchado de sombra  
No sonho, no sangue, no olhar,  
Sou um homem marcado. . .  
Em país ocupado  
Pelo estrangeiro.

Mas esta marca temerária  
Entre a cinza das estrelas  
Há de um dia se apagar!

Por isso é que me amparo às mãos dispersas da noite. . .

E pelos pés difusos do vento é que marcho  
Na bruma das madrugadas. . .  
Trazendo das águas a substância  
Da claridade  
E um cheiro manso  
De manhã fria. . .

Oh! Soledade!  
Oh! Harmonia!